

VIDA NO PRESENTE

Compartilhar

Assine já!



A

(Foto: Ilustração Fabio Issao / Editora Globo)

dificuldade de vislumbrar o futuro, dadas as incertezas e crises plurais, e a incapacidade do passado de explicar o garantir o que está dado –

+ LEIA MAIS: CONFIRA TODAS AS COLUNAS DE CLOTILDE PEREZ

Primeiro queríamos controlar as forças da natureza, sequência do nosso mito inaugural, que deu origem ao mito da dominação humana sobre o mundo. Com a evolução da vida em sociedade e a concretização ainda que parcial deste controle, caminhamos em direção ao mito da ciência e do progresso. No entanto, a certeza de que ciência e tecnologia traziam desenvolvimento, mas também degradação humana (como a 2ª Guerra Mundial), pôs abaixo o mito moderno do progresso. E um novo mito não se consolidou até agora, mesmo com as tentativas de elevar a “felicidade” ao patamar de “solução oportuna”. Assim, a falta de um enredo que nos insira na história, uma sociedade sem relato, como bem caracterizou o antropólogo Nestor Canclini, nos deixa soltos, à mercê das nossas angústias e das vulnerabilidades que se apresentam cotidianamente. O fim das grandes narrativas ou, de uma forma mais simbólica, o fim dos mitos, vai aos poucos liquefazendo as estruturas, dissolvendo instituições grandes, como o Estado, religiões, sistemas de governo, e pequenas, como a família. A sociedade líquida de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que há muito pouco nos deixou, quem homenageio aqui, nos aprisiona no presente. Uma vida presentificada, agorista, nas palavras do sociólogo Michel Maffesoli. A fruição imediata, a necessidade de descartar e substituir, a busca incessante pelo prazer. O presente se instala com o estrutura temporal dominante. A vida nos excessos que vez por outra nos impõe escolhas e com elas o sofrimento e a ansiedade.

Tomamos o passado e o trazemos ao agora, materializado na estética retrô, no efeito pátina, na valorização do vintage e dos registros memoráveis. Pegamos o futuro e o presentificamos para torná-lo palatável; antecipamos, retardamos, aprisionamos e negamos o passar dos anos. São as dobras do tempo, que se torna complexo em convívio, mas cristalizado no presente.

Nos resta saber se seguiremos assim. Será que prescindimos de uma nova narrativa para assegurar a nossa estabilidade psíquica? Acredito que não. Estamos na transição, um fim sem um recomeço assegurado; um novo que
quilibrada e sensível. Uma
melhores tempos.



Foto Jennifer Koo / Divulgação
